

O TRABALHO DO FONOAUDIÓLOGO COM UM GRUPO DE PAIS DE CRIANÇAS DEFICIENTES AUDITIVAS

**Elizabeth Crepaldi de Almeida*

***Maria Cecília Bevilacqua*

Resumo

Nosso texto tem como objetivo tecer comentários sobre a atuação do fonoaudiólogo em um determinado grupo de pais.

No estudo descrito participaram 22 mães que faziam parte de uma instituição pública do Estado de São Paulo.

A ênfase do estudo se encontra nos diferentes momentos que este grupo passou, utilizando o referencial teórico proposto por Luterman (1984) no que se refere às características de desenvolvimento de um grupo de pais de deficientes auditivos. Acreditamos que a mudança de postura do profissional, de provedor de informações para aquele que aceita o momento da família, que compartilha com os pais suas dúvidas, sentimentos e emoções favorece para que a orientação flua melhor.

Introdução

O trabalho com pais tem se definido, geralmente, como provedor de informações específicas e técnicas que são determinadas

a partir do referencial do profissional. O resultado tem sido que os pais não participam ativamente do processo terapêutico e as informações não se constituem em pontos de referência para um questionamento pessoal — da família — em relação à sua postura

* Fonoaudióloga e Professora substituta do Curso de Fonoaudiologia da PUC-Campinas.

** Professora Associada do Departamento de Distúrbio da Comunicação da PUC-SP.

diante da deficiência auditiva de seus filhos.

Após alguns anos, com o objetivo de prover informações específicas, temos observado que os pais retomam as primeiras informações como se nunca as tivessem recebido, como se elas não pertencessem ao seu mundo, no momento que são transmitidas. Isto talvez demonstre um certo distanciamento entre o que foi informado aos pais e as suas necessidades reais.

O fonoaudiólogo, muitas vezes, se detém a informar aos pais as características da patologia em questão, as causas da perda auditiva, os fatores da redundância na comunicação, oferecendo uma série de informações específicas, que nem sempre são processadas pela família.

A orientação deixa de ser efetiva para tornar-se mera formalidade, na medida em que os conteúdos apresentados são definidos unilateralmente e não fazem parte do universo de interesses de muitos pais.

A partir deste referencial de distanciamento entre o fonoaudiólogo e os pais, nós procuramos estudar melhor este assunto. Uma das primeiras constatações foi que o impacto do diagnóstico da deficiência auditiva desestrutura os projetos e ideais de vida da família, fazendo surgir uma nova família a partir disto.

Com este tipo de dificuldade e buscando sempre um avanço no processo terapêutico fez-se necessário consultar um referencial teórico onde a família fosse foco de atenção desses estudos. A fundamentação teórica do nosso trabalho, a partir daí, baseou-se princi-

palmente em Luterman (1979, 1984) que traz estudos com grupos de pais, propondo alternativas para as dificuldades vivenciadas por nós.

Luterman (1979) considera como regra geral dar informações somente quando os pais solicitam, porque assim estes questionam sobre coisas de que necessitam saber. Para ele, fazer uma reunião para oferecer informações específicas distancia o profissional dos pais e de seus sentimentos.

O profissional pode facilitar o processo de adequação dos pais adotando um papel de não julgamento e de ouvinte, ao invés daquele no qual ele é um provedor de informação.

Para Webster (1966), o trabalho de orientação a pais deve prover uma situação em que eles se sintam livres para organizar e escolher o que é importante para eles, encorajando-os a descobrir e classificar seus sentimentos e idéias.

Embora a verbalização dos pais seja centrada em problemas, deve-se procurar enfatizar o que eles têm de bom em suas vidas.

O fonoaudiólogo deve ser menos autoritário e freqüentemente retornar às questões para a discussão do grupo, mais do que dar respostas prontas.

Luterman (1979) acrescenta que o terapeuta deve constantemente aprender sobre si mesmo como um ser humano, funcionando numa relação interpessoal. O profissional deve estar atento a seu próprio sistema de valores e reconhecer que os pais podem ter sistemas diferentes.

Muitos profissionais estabelecem uma

relação de mútua dependência, a fim de aumentar sua auto-estima. Isso limita o futuro crescimento de ambas as partes – terapeuta e pais.

O trabalho de orientação deve estar estreitamente integrado ao programa educacional, de modo que a responsabilidade das orientações seja de todos os profissionais envolvidos. Manter a ênfase centrada nos pais é usá-los como professores, uma vez que ensinar é uma parte da vida diária e os pais de crianças deficientes auditivas necessitam aumentar os aspectos lingüísticos e comunicativos em seu dia-a-dia para suprir as necessidades de seu filho.

Luterman (1984) relata que o grupo deve ser visto como um importante veículo para compartilhar sentimentos, para mútua ajuda e para o processamento de conteúdo. Para facilitar um grupo, a atitude do líder precisa ser em expectativa, aceitando o grupo como ele se apresenta. Normas de aceitação de sentimentos, aceitação dos indivíduos, comentários sobre os assuntos discutidos no momento, responsabilidade por todas as afirmações e verificação das mesmas como também não ver o facilitador como figura de autoridade são vitais para o estabelecimento de um grupo de trabalho. Este autor também ressalta as características de funcionamento e desenvolvimento do grupo, tais como coesão, conflito e redefinição do líder.

Luterman (1984) lembra também alguns processos que ocorrem no trabalho grupal.

a) Universalidade – o grupo ajuda a pessoa a reconhecer que não está sozinha em seus sentimentos e percepções;

b) troca de informações entre todos os elementos do grupo e não apenas do profissional com o grupo;

c) altruísmo – os participantes têm oportunidade de se ajudar;

d) aprendizagem interpessoal – os participantes aprendem a confiar uns nos outros, a serem mais abertos e mais receptivos;

e) injeção de ânimo – vendo a melhora dos outros, cada participante adquire esperança para si próprio.

O Nosso Trabalho de Grupo

No nosso trabalho participaram 22 mães, que estavam integradas num grupo de pais de crianças deficientes auditivas desde 1979, em uma instituição pública do Estado de São Paulo.

Seus filhos tinham idade que variava de 4 a 14 anos e portadores de deficiência auditiva neurosensorial bilateral severa e/ou profunda, exceto dois indivíduos com deficiência auditiva neurosensorial bilateral moderada.

Em relação ao trabalho com este grupo propriamente dito, começamos a perceber que não havia envolvimento dos pais em relação ao profissional e vice-versa, e nem entre os próprios pais. As reuniões tornavam-se uma cobrança de encargos e obrigações que os pais tinham com os filhos e apresentação de um tema por parte dos profissionais, que exerciam um 'controle' centralizado neles. Não existia debate entre os participantes do grupo.

As características descritas por

Luterman (1984) apareciam muito superficialmente, ou seja, havia baixo grau de coesão e de confiança mútua entre os participantes, relacionadas intimamente às poucas oportunidades de troca de informações e experiências pessoais. A expressão de sentimentos raramente ocorria. Os aspectos mais evidentes eram a universalidade e a injeção de ânimo inerentes à própria situação, ou seja, todos calculam que os seus filhos apresentavam uma deficiência comum, e que muitos se desenvolviam bem durante o tratamento.

Havia a participação de diversos profissionais, dificultando um trabalho menos diretivo e menos informativo, impedindo, assim, o desenvolvimento do próprio grupo.

O nosso trabalho iniciou-se com a mudança de nossa postura como profissional, de provedor de informações para um elemento que aceitasse o momento da família, compartilhando com os pais suas dúvidas, sentimentos e emoções.

Nós passamos a nos posicionar como mediadores e orientadores das discussões dos grupos de pais e a ajuda efetiva vinha dos próprios participantes que compatilhavam das mesmas experiências familiares (ter em casa uma criança deficiente auditiva), as mesmas dúvidas e necessidades.

Os assuntos a serem discutidos deixaram de ser preestabelecidos, e nós começamos a diminuir as respostas prontas aos questionamentos das mães. Deixávamos claro que elas deveriam pensar, discutir os assuntos trazidos por elas mesmas e procurem ajudar-se mutuamente sem depender tanto das respostas dos profissionais.

Com as modificações introduzidas em relação à postura do profissional, iniciou-se um processo de conflito no grupo.

Os pais enfrentaram fases de transição caracterizadas pela resistência à mudança, redefinição de papéis, ao mesmo tempo em que prosseguia o movimento em direção a um novo funcionamento.

Em caráter de exemplificação, apresentamos alguns diálogos, que apontam as características descritas anteriormente.

Simplificando, usamos abreviaturas para os participantes dos discursos por duas letras maiúsculas, enquanto os profissionais denominamos por P para pedagogo, TO para terapeuta ocupacional, e FONO para o fonoaudiólogo.

Situação de Redefinição do Líder

M.M. – *“A gente começa já a dar palpite sobre o que acha da reunião”.*

L.S. – *“Então começa quem é de fora.”*

Este diálogo que mostra que as mães estão começando a entender que devem se manifestar em suas necessidades, preocupações... e não sempre partir dos desejos e preocupações de um participante apenas, e/ou profissional.

Por outro lado, outros participantes procuravam resistir à nova proposta, procurando retornar a experiências passadas.

É nítida a situação de ambivalência do grupo que reage com silêncio, que representa ao mesmo tempo dúvidas dos participantes e a busca de 'como fazer'

Situação de Resistência à Mudança (Conflito)

- P - "Alguém pensou alguma coisa da reunião passada?"
- L.S. - "A gente poderia discutir aquele assunto que foi sugerido no semestre passado."
- P - "Qual?"
- L.S. - "Que foi sugerido no ano passado, colocado na lousa para ser discutido no semestre inteiro e acabou discutindo uma vez só. Cada mãe queria saber uma coisa. A gente queria retomar."
- P - "Que vocês acham? Ela está colocando para todo mundo."
- R.R. - "Eu concordo com ela, porque ficou desde o ano passado."
- FONO - "L.S., o que a gente poderia fazer nestes termos?"
- L.S. - "Um assunto daquele... Foi o seguinte: Você foi escrevendo, anotando, deve ter sido a primeira reunião do segundo semestre. Eu acho que você poderia explicar para nós."
- FONO - "De que forma?"
- L.S. - "Um assunto daquele. Vocês falam, eu acho melhor vocês falando."
- FONO - "Então, em termos de grupo, de problema de grupo, o que poderia ser discutido a partir do que a L.S. falou?"
(Silêncio geral)

No seguinte momento é importante apontar a diferença de atuação do grupo em uma situação de descarga emocional por parte de um de seus participantes. Esta situação favorece o desenvolvimento da coesão grupal.

Situação de Coesão Grupal

- S.A. - "(Chorando). Quando é para passear, ela já fala que não quer. Quando é para dançar, ela já avisa que não quer."
- M.M. - "Isto é crise, isto passa. Quando a Mo. vinha com outra pessoa ela vinha chutando a pessoa, dava o maior baile."
- S.A. - "Depois que ela vai, ela vai contente, mas para vir é duro."
- C.M. - "É que ela não gosta que a gente fique perto dela."
- M.M. - "A barra é dura, eu também enfrentava. A Mo. ia chutando a pessoa pela rua. Realmente a barra é dura, é uma fase horrível, mas com o tempo passa."
- T.O. - "Isto é uma prova que nós estávamos certas por deixá-la sozinha e se virar."
- A.Z. - "A El. não vinha com ninguém, aí ela começou a vir comigo e foi acostumando."
- M.M. - "Eu sei que é duro S.A., mas passa... Porque diz que eles isolam, aí é que está o erro."

C.B. - *"Então, o Ca. também era assim. De primeiro ninguém entendia ele. Ele não brincava com ninguém porque ninguém entendia ele. Agora ele brinca, ele fala."*

O choro da mãe sensibilizou o grupo, de forma que outra mãe contou suas experiências pessoais com a menina, como também com os próprios filhos, mas sempre dentro deste mesmo assunto.

A mobilização foi geral, tentando mostrar que também têm passado por situações difíceis. Tal situação favoreceu a troca de informações e o respeito às necessidades individuais, sendo que os participantes revelaram-se solidários e compartilharam suas dificuldades semelhantes. Isso favorece o desenvolvimento das características grupais descritas por Luterman (1984).

Situação de Aprendizagem Interpessoal

Discutem sobre os objetivos do grupo

M.M. - *"Eu acho que, em primeiro lugar, para haver entrosamento entre nós e vocês."*

Situação de Injeção de Ânimo

M.M. - *"... Cada reunião que eu venho, eu volto com outra cabeça para casa, com mais força para trabalhar com a Mo., porque tem hora que você*

cansa, desanima e vindo aqui você tem mais ânimo."

Situação de Universalidade

M.M. - *"... Nós todas somos amigas e temos um problema para enfrentar."*

Situação de Altruísmo

D.J. - *"Sei lá, não tenho nada para falar. Eu venho porque gosto de vir, quando está com problema a gente pode resolver juntos."*

Situação de Troca de Informações

A.Z. - *"Às vezes, não é tanto por vir para discutir com vocês porque vocês eu vejo quase todo dia. Como eu e a M.M. que tínhamos o problema do gesto e discutimos entre nós todas e acho que muitas tinham este problema."*

Discussão e Conclusão

Durante e após o conflito iniciado pela mudança da nossa postura, enquanto profissionais, o grupo começou a se descobrir, enfrentando os seu próprios problemas.

O grupo manifestou suas dificuldades, e ao fazerem-no inseriram-se num processo

de transformação do próprio grupo de trabalho.

Ficou, então, estabelecido pelos próprios pais que os profissionais deveriam se posicionar como elementos de suportes e tomar providências no que se referem ao aspecto físico e formal das reuniões, deixando a critério do grupo o conteúdo e a dinâmica das discussões.

Outra consideração feita é que o grupo deveria ser formado de oito a 12 pessoas diminuindo assim a dispersão dos seus membros; dando maiores oportunidades de participação, além de menor tempo para o estabelecimento de credibilidade entre os membros.

Assim, também, para facilitar a coesão e confiança grupal, a entrada de pessoas novas deveria ocorrer somente em início de semestre, tanto para profissionais como para mães.

Para favorecer a consciência do grupo, quanto à responsabilidade de seu próprio funcionamento, os assuntos quanto às formas e

ao funcionamento da Instituição deveriam ser tratados sempre nos 15 minutos finais da reunião.

Além disso, deveria ficar claro que um processo de orientação em grupo precisa ter início, meio e fim, para que o trabalho seja desenvolvido seriamente e não apenas como exigência institucional.

Concluindo, queremos dizer que esta proposta não se caracteriza como um grupo terapêutico, mas sim um grupo de suporte aos pais e que talvez num momento posterior sejam encaminhados a outro tipo de orientação.

Tentando deixar claro o limite de atuação do fonoaudiólogo neste tipo de trabalho de grupo de pais, endossamos as idéias de Webster (1966): virtualmente é impossível para uma pessoa causar dano a outra por ouvi-la, por entender o que as palavras significam para ela, por permitir-lhe expressar o que está nela e dar honestamente as informações que ela necessita.

Summary

The issue of this article is the speech and hearing therapist intervention upon a specific parent group. The study involved 22 mothers from a public institution of São Paulo. Using the theoretical approach presented by Luterman (1984), this study emphasize the different moments lived by the group, concerning to its development as a hearing impaired parents group. We believe that changing the therapist's approach, from one who holds the knowledgements, to one who accepts the moments that the family is going through and also by sharing their doubts and feelings a much better environment will be created and the orientation may flow.

Bibliografia

- LUTERMAN, David D. E. (1979). *Counseling parents of hearing impaired children*. Boston, Little Brown and Company.
- _____. (1984). *Counseling the communicatively disordered and their families*. Boston, Little Brown and Company.
- WEBSTER, E. (1966). Procedures for group counseling in speech pathology and audiology. *Journal of Speech and Hearing Disorders*. 33(27).